

Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro)funções textuais e interacionais

Cláudia Andrea Rost-Snichelotto¹

1 INTRODUÇÃO

Em diversas línguas prospera a investigação sobre o significado, a função, a forma e a posição dos Marcadores Discursivos (doravante MDs). Embora há muito tenham sido identificados², só mais recentemente seu estudo tem sido aprofundado. Verifica-se, porém, a falta de consenso quanto à definição de seu estatuto, o que não os isenta, portanto, de uma acentuada pulverização de rótulos³, pois provêm de um universo de categorias⁴.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: rostclaudia@hotmail.com

² Said Ali, em 1930, reconhecia-os como “expressões de situação” (apud URBANO, 1997, p. 86). Por outro lado, o logicista Martinez (1952 apud PONS BORDERÍA, 1998, p. 214) denominou-os *muletillas* (bordões), cuja função, segundo o autor, é carecer de função alguma.

³ Fraser (1999, p. 932) cita, entre outras, as diferentes denominações: *cue phrases* (KNOTT; DALE, 1994), *discourse connectives* (BLAKEMORE, 1987, 1992), *discourse operators* (REDEKER, 1990, 1991), *discourse particles* (SCHORUP, 1985), *discourse signaling devices* (POLANYI; SCHA, 1983), *phatic connectives* (BAZANELLA, 1990), *pragmatic connectives* (van DIJK, 1979; STUBBS, 1983), *pragmatic expressions* (ERMAN, 1992), *pragmatic formatives* (FRASER, 1987), *pragmatic markers* (FRASER, 1988, 1990; SCHIFFRIN, 1987), *pragmatic operators* (ARIEL, 1994), *pragmatic particles* (OSTMAN, 1995), *semantic conjuncts* (QUIRK et al., 1985), *sentence connectives* (HALLIDAY; HASAN, 1976). Adotamos, neste estudo, o termo *marcador discursivo*, conforme Risso, Silva e Urbano (1996), porém, há também na literatura diferentes nomes: *marcadores conversacionais* (MARCUSCHI, 1991; SILVA, MACEDO, 1996), *pontuantes* (VINCENT, 1983; VICENT; VOTRE; LAFOREST, 1993), *bordões* (MARQUES, 1993), entre outros.

⁴ Embora nem sempre se possa estabelecer com nitidez as categorias lexicais que derivam MDs, observam-se muitos estudos em que verbos, advérbios, conjunções, adjetivos, interjeições, substantivos, pronomes, preposição e até mesmo segmentos

MDs são elementos lingüísticos, lexicalizados ou não-lexicalizados, variáveis e multifuncionais. Conforme Urbano (1993, p. 85), “Amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal”. Podem, portanto, articular diferentes valores: “tanto de caráter textual – estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala” (GÖRSKI; ROST; DAL MAGO, 2004; MARCUSCHI, 1989).

Verbos de percepção visual associados à P2 em enunciados de comando tendem a derivar MDs em diversas línguas, tais como “mira” e “¿ves?” em espanhol (cf. PONS BORDERIA, 1998a, 1998b; DOMINGUEZ; ALVAREZ, 2005), “regarde” e “vois-tu” em francês (cf., respectivamente, DOSTIE, 2004; VICENT; VOTRE; LAFOREST, 1993), “guarda” em italiano (cf. WALTEREIT, 2002) e “olha/vê” em português (cf. ROST, 2002, entre outros). Para Pusch (2008), isso ocorre porque os verbos são uma categoria bastante heterogênea. A conjugação verbal, em comparação à classe dos nomes, permite mais opções morfológicas como ponto de partida para o desenvolvimento de MDs. Todavia, ainda que, em muitas línguas, existam MDs derivados de imperativo, ou seja, apresentem semelhança morfossintática, não compartilham necessariamente nas quatro línguas os mesmos contextos semântico-pragmáticos.

fônicos não dicionarizados são fontes de MDs (SILVA; MACEDO, 1989; RISSO; SILVA; URBANO, 1996).

Neste artigo, objetiva-se explicitar similaridades e diferenças entre os contextos de atuação discursiva⁵ dos MDs em quatro línguas românicas.

Vejam alguns contextos de uso dos MDs:

(1) **A:** À mon avis, tu devrais essayer ça, des rouleaux, ça serait bien. Tiens, essaie ceux-là.
B: *Regarde*, je les essaierai une prochaine fois. T'en sers-tu? Je pourrais peut-être les apporter chez moi pour voir ce que ça donne (DOSTIE, 2004, p. 112).

(2) **A:** Mais comment ça se fait que tu sens lè parfum comme ça? **B:** Bien, *vois-tu*, c'est, heu..., c'est maman qui a dû em échapper sur moi (DOSTIE, 2004, p. 114).

(3) **E:** uma depre // fue uma depre, yo que se, fue [*mira* porque tuvo que pasar]. **G:** [pa-pa-pasajera ¿no?] **E:** sy, ya se me há pasao... (PONS BORDERÍA, 1998, p. 221).

(4) [...] como él es un niño consentido entonces todo el mundo le da todo ¿ves? *por eso* es que yo le digo a mi mamá que no debería con él hacer eso, porque lo que a él le están haciendo es un daño, no un bien ¿ves? [...] (DOMÍNGUEZ; ÁLVAREZ, 2005, p. 9).

⁵ Denominamos "contextos de atuação discursiva" aqueles enunciados nos quais se evidenciam a atuação dos itens auxiliando na veiculação de diferentes significados semântico-pragmáticos, não se manifestando apenas em termos de relação interpessoal (maior grau de intersubjetividade), mas também sinalizando envolvimento do falante consigo mesmo (maior grau de subjetividade).

(5) **E:** Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria saber mais uma coisa, tu gostas de cozinhar? **F:** *Olha*, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitinhas bem legais (ROST, 2002, p. 63).

(6) **E:** E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças [agora]. **F:** [Pois é]. E precisava ter, né? porque *veja*, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter, né? (ROST, 2002, p. 10).

(7) **B:** ah hai visto ali poveretto è morto così l'avevano ammazzato. **A:** tu dici? **B:** ma secondo me sì' **A:** madonna. **B:** <?> l'hanno ammazzato era ricchissimo qualcuno l'avrà fatto fuori. **A:** *guarda* che soffriva di cuore _ eh? (WALTEREIT, 2002, p. 990).

A partir do levantamento da literatura, observa-se que esses MDs compartilham uma gama de contextos de atuação, desempenhando funções ora mais interativas, ora mais textuais. Assim, a hipótese deste artigo é que, embora exista semelhança quanto à herança românica entre as línguas estudadas, os MDs apresentam, em alguns contextos, variação semântico-pragmática.

Organizou-se este texto em três partes: inicialmente, apresenta-se a revisão bibliográfica do percurso semântico-pragmático dos verbos de percepção visual nas quatro línguas românicas; na seqüência, verificam-se as (macro)funções textuais e interacionais dos MDs; e, por fim, passa-se à identificação de convergências e divergências entre os percursos semântico-pragmáticos dos MDs.

2 DO CONCRETO AO ABSTRATO: DE VERBO DE PERCEPÇÃO VISUAL A MD NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

2.1 Percursos semântico-pragmáticos dos verbos de percepção

O significado literal dos verbos de percepção visual das quatro línguas românicas ocorre de modo altamente produtivo na atualidade. As formas verbais *olhar* e *mirar* derivam do latim e significam *fitar os olhos em, contemplar, admirar-se*. Apontam, em princípio, para uma situação contextual concreta (dêitico locativo).

Porém, ao longo do tempo e na passagem de uma língua a outra, os dicionários etimológicos investigados indicam a ocorrência de outras acepções mais abstratas. As formas *regarder, guardare* e *veoir*, por sua vez, provêm, respectivamente, os dois primeiros do alemão *wardôn* e do latim *vīdēre*, e expressam o sentido de *conservar, reter*. Na língua alemã, *wardôn*, por sua vez, possui a acepção de *buscar com a vista, prestar atenção, estar atento, observar com a mente, pensar, refletir*. Compartilham com *olhar* e *mirar* o sentido concreto de *avistar, empregar vista, perceber pela vista*. Porém, apresentam matizes

relacionados à cognição como *conhecer* ou *perceber pela visão*, a depender do contexto.

No percurso de mudança semântico-pragmática, fica evidente que elementos designativos de espaço [+concreto] passam a ser usados como organizadores do universo discursivo [-concreto] (cf. HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). Vale ressaltar, porém, que entre os níveis, delimitados de forma discreta como domínios metafóricos distintos, há um *continuum* de pequenas mudanças que se dão metonimicamente, por contigüidade contextual, em que um uso origina outro.

É devido a esse *continuum* semântico-pragmático que, a seguir, passa-se a apresentar a revisão bibliográfica das macro(funções) textuais e interativas dos MDs em quatro línguas românicas.

2.2 As macrofunções dos MDs

Como se viu na seção anterior, coexistem novos valores ao lado dos significados antigos. Entretanto, é comum aos MDs atuarem em contextos em que prevalecem funções mais amplas, denominadas “basicamente orientadores da interação”.

Derivadas dessa função mais ampla, os MDs provenientes de verbo de percepção visual em P2 desempenham duas funções mais amplas, conforme o contexto: uma basicamente interacional e outra basicamente textual. A primeira com maior ênfase nas atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo tendo em vista o ouvinte, enquanto que a segunda mais voltada para a seqüenciação do texto, assinalando relações de caráter coesivo. Essa distribuição leva em consideração a abrangência dos graus de envolvimento

dos parceiros durante a interação, sugeridos por Urbano (1999, p. 198). Embora este autor aponte a complexidade e ambigüidade das circunstâncias em que a fala é produzida, trata-se de mecanismo de orientação interacional em que se evidenciam os processos de envolvimento pessoal (maior subjetividade) e interpessoal (maior intersubjetividade) dos parceiros conversacionais. A nosso ver, é possível reunir os diferentes contextos de atuação discursiva dos MDs derivados de verbo de percepção em P2 em duas macrofunções, assim definidas:

- a) macrofunção articuladora predominantemente interacional: o componente basicamente “orientado para o ouvinte” caracteriza um maior grau de *intersubjetividade*, com uma sinalização clara da interação face a face e de um maior envolvimento dos parceiros conversacionais;
- e
- b) macrofunção articuladora predominantemente relacional/textual: o componente basicamente “orientado para o falante/texto” caracteriza um maior grau de *subjetividade*, com atuação em contextos que relacionam operações como argumentação, causalidade, exemplificação, entre outras, ajudando a organizar a atitude do falante diante do próprio texto (adaptado de GÖRSKI, 2006).

Embora efetueemos essa discretização binária, admitimos que, no efetivo funcionamento dos itens, seja um tanto arbitrário considerar essas macrofunções separadamente, uma vez que (i) “os fatores interacionais são inerentes à expressão lingüística, devido à introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal de um ato comunicativo (JUBRAN, 2006, p. 29); e que (ii) esses contextos/macrofunções são distribuídos num *continuum* com sobreposições e situações de ambigüidade, cuja distinção decorre da identificação das características mais salientes, já que os limites são fluidos, graças à instabilidade das configurações discursivas.

Vejam, a seguir, os contextos de atuação discursiva dos MDs conforme levantamento em cada uma das quatro línguas românicas.

2.3 Os contextos de atuação discursiva dos MDs

Com base na literatura sobre os MDs e na análise das entrevistas do Projeto Varsul, Rost (2002) sumarizou nove contextos de atuação dos MDs derivados de verbo de percepção em P2:

Quadro 1: Multifuncionalidade de *olha* e *veja* (adaptado de Rost, 2002, p. 74)

<i>Propriedade de chamada da atenção do ouvinte</i>	
Macrofunção articuladora predominantemente interacional	Macrofunção articuladora predominantemente textual
Contextos de atuação discursiva	Contexto de atuação discursiva
De Advertência	Retórica (SCHIFFRIN; URBANO)
Interjetiva	Exemplificativa

Atenuadora (CASTILHO; SILVA e MACEDO)	Causal
De Planejamento Verbal (RISSO)	Concessiva
Prefaciadora (SCHIFFRIN; RISSO)	

Em português, as primeiras investigações acerca dos MDs *olha* e *veja* (e suas variantes) são do final da década de 1980 (SILVA; MACEDO, 1989; MARCUSCHI, 1989, CASTILHO, 1989). Posteriormente, Urbano (1993, 1999), Risso, Silva e Urbano (1996) Risso (1999) e Rost (2002) realizaram estudos mais aprofundados sobre o comportamento semântico-pragmático desses MDs.⁶

Observa-se, nesses estudos, que os itens *olha* e *veja* podem ser distribuídos, a depender do contexto, em dois níveis distintos: no primeiro, de caráter dêitico espacial, são verbos plenos, de percepção, visto que há um comando explícito do falante para o ouvinte direcionando o olhar/visão deste último (dêitico locativo), ou, num plano um pouco mais abstrato, expressando advertência; no segundo nível, são MDs que ampliam seu significado de base e, conforme Risso (1999, p.270), a referência à percepção visual aparece remanejada para a expressão de outra espécie de envolvimento sensório-cognitivo, isto é, altera-se o ponto de referência do campo visual (situações

⁶ Silva e Macedo (1989) analisaram textos orais foram recolhidos da Amostra Censo, banco de dados que integra o acervo do PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, sediado na UFRJ. Marcuschi (1989), Castilho (1989), Urbano (1993, 1999) e Risso, Silva e Urbano (1996) investigaram os dados do Projeto NURC. Rost (2002) analisou 84 entrevistas de informantes das três capitais da Região Sul do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul).

objetivas) para o da ação mental (situações (inter)subjetivas). Ou seja, por meio de expansão metafórica, o foco de atenção deixa de apontar para o ambiente situacional, e o efeito manipulativo sobre o parceiro do diálogo diminui, em graus variáveis, e o ouvinte tem sua atenção direcionada para a informação a ser provida pelo falante. Assim, ao chamar a atenção do ouvinte, *olha* e *veja* mantêm traços de sentido original no que concerne à percepção e, adicionalmente, instauram um contexto que pode revelar diferentes intenções do falante.

Quanto à configuração morfossintática do contexto de ocorrência do item, inicialmente *olha* e *veja* atuam como item lexical pleno em atos de fala claramente diretivos. Em outros contextos, apesar de manter uma estrutura similar, associado ao locativo *aqui*, há um deslocamento do espaço físico para o espaço discursivo, e *olha aqui* poderia ser adequadamente substituído por *presta atenção*. Neste caso, parece ser um contexto típico de transição de um uso verbal para um uso como MD.

Em termos de sua posição no enunciado, o falante usa o item *olha*, à esquerda do núcleo da UD, como um meio de interagir e antecipar suas intenções com relação, por exemplo, a eventuais questionamentos do entrevistador. Além disso, há contextos em que o item já apresenta certa mobilidade posicional e co-ocorre com elementos lingüísticos de valor relacional, como *porque olhe*, e *olha*. Nesses contextos, o falante/redator parece encadear coesivamente o resultado de uma série de argumentos que estava apresentando, ao mesmo tempo em que solicita a atenção do ouvinte/leitor para a situação descrita. Portanto, *olha* e *veja* aparecem em posição

relacional, contribuindo simultaneamente para a chamada de atenção do ouvinte e a seqüenciação do fluxo discursivo.

Guerra (2007) realizou uma análise comparativa entre as principais abordagens teóricas que estudam os MDs com o intuito de precisar sua definição. No geral, os resultados apontam que há entre as pesquisas investigadas a convergência no que diz respeito ao princípio da conectividade desses itens, entre os quais se inscrevem a forma derivada do indicativo *olha* e a do subjuntivo *veja*.

Assim, a forma verbal imperativa canônica parece ser sistematicamente enfraquecida, já que cada vez mais se distancia do mundo externo para algo que faz parte do texto do falante/redator, isto é, chamando a atenção do ouvinte/leitor para sua declaração. Esse movimento mostra um duplo deslocamento: desbotamento do conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo e mudança gradativa do estatuto categorial – de verbo a MD.

Em francês, conforme Dostie⁷ (2004, p.110), os verbos *écouter*, *entendre* e *voir* tendem a desenvolver sentidos cognitivos, assim como o verbo de percepção *regarder*, que gerou o sentido de *considerar*, *analisar* e *ver*. Esse “deslizamento semântico”, segundo a autora, não foi aleatório, mas decorrente do fato de que a comunicação verbal supõe um esforço cognitivo dos interlocutores. Essa mobilização cognitiva é, portanto, sinalizada

⁷ Dostie (2004) observou o comportamento dos MDs *regarde* (olha) e *écoute* (escuta), do francês de Quebec, Canadá, derivados dos verbos de percepção *regarder* e *écouter*. Conforme a autora, ambos compartilham alguns contextos como MD. Embora *regarde* tenha sido herdado do francês arcaico, desapareceu da França em meados do século XX, mas persiste no francês falado em Quebec.

e/ou lembrada, conforme a autora, na conversação por meio dos MDs *regarde* e *vois-tu*.

Inicialmente, como verbo de percepção, a forma *regarde* apresenta sentido dêitico em P2 e é empregada pelo falante para lançar um convite ao ouvinte para prestar a atenção em algo que possa ser alcançado com a visão. Como MD, Dostie (2004) destaca que *regarde* atinge seu auge de abstração quando apresenta valor cognitivo, ou seja, naqueles contextos em que o falante convida o ouvinte a prestar a atenção em elementos explícitos e implícitos do seu texto (do falante). Há alguns desses contextos que *regarde* pode ser intercambiável por *vois-tu*.

Esse uso mais amplo – de chamada da atenção do ouvinte – abre espaço para, pelo menos diferentes valores do MD *regarde*. O emprego discursivo mais restrito de *regarde* se dá nos contextos em que a forma está mais integrada à sentença e visa introduzir uma ilustração/exemplo para o ouvinte.

Em outro contexto, observa-se que o MD indica um contrato manifesto explicitamente entre falante e o ouvinte para que ambos compreendam a mensagem transmitida por aquele. Nesse caso, o MD tende a ocorrer como um elemento lingüístico para chamar a atenção a uma informação antecedente (uso anafórico) ou a outra, enunciada mais adiante (uso catafórico) no texto.

Em posição inicial, *regarde* constitui um prefácio do texto a ser anunciado pelo falante como marca de interação cooperativa com o ouvinte. Por fim, outro valor de *regarde* ilustra que certa idéia compartilhada pelos interlocutores é verdadeira, ou seja, a chamada da atenção do ouvinte para uma informação implícita por ambos. Neste caso, considere o exemplo a seguir:

(8) **A:** C'est une bonne idée, ça. **B:** J'ai toujours pensé que j'avais bonnes idées. On ne me fait pas assez confiance, c'est tout!
Regarde...! C'est loin d'être bête ma suggestion.

Neste exemplo, *regarde* sinaliza, conforme Dostie (2004), uma informação implícita, que ambos, falante e ouvinte, conhecem/compartilham.

Em espanhol, Pons Bondería⁸ expõe que *mira* e *¿ves?* desempenham diferentes valores na conversação, partindo do uso literal do verbo de percepção até o emprego como conector textual.

Sua explicação inicial nasce do sentido literal em que o falante usa *mira* para convidar o ouvinte para prestar atenção a um elemento da enunciação, resultando no emprego das formas verbais prototípicas. Desse sentido de base, *mira* passa a apresentar valor fático de chamada da atenção do ouvinte para o enunciado proferido pelo falante. Nesses contextos, conforme o autor, *mira* pode ser parafraseado pelo verbo de percepção *escúchame* e tem valor perlocutivo, visto que pretende que o ouvinte faça algo.

Dessa função fática primária, *mira* expande seu sentido e deriva uma espécie de função fática interna que opera anafórica e cataforicamente na UD, chamando a atenção do ouvinte ao contexto precedente ou avisando-o da importância do segmento

⁸ *Mira* e suas variantes (*mire* e *mirad*) foram investigados na fala espanhola por Pons Bondería (1998)⁸, ao passo que *¿ves?*, *mire* e *mirá*, empregados no espanhol falado em Mérida (Venezuela), descritos por Domínguez e Alvarez (2005)⁸.

seguinte. Nesses contextos, *mira* funciona como um marcador lingüístico de relevância e pode ser parafraseado *fíjate*, pois serve como um guia ou instrução para o processamento interno do enunciado. A função fática interna relaciona-se diretamente aos usos enfáticos ou de reforço do que é dito. A ênfase, por sua vez, pertence, conforme Pons Bordería, ao terreno da modalidade, considerada como a atitude do falante frente ao que é dito. Dessa forma, *mira* passaria a desenvolver diferentes valores conversacionais: (i) desacordo frente ao que é dito, quando aparece isoladamente; (ii) marca de resposta despreferida, nos contextos em que inicia um turno; (iii). Em outras posições, pode indicar insegurança por parte do falante frente ao conteúdo da mensagem.

Associado a esses usos, observa-se o uso de *mira* como conectivo, seja um mecanismo de tomada de turno ou de mudança de tópico discursivo. Por fim, *mira* se converte em *ordenador discursivo*, servindo como instrumento a serviço da segmentação do texto tanto em nível macro como microestrutural.

Dominguez e Álvarez (2005) descreveram os usos de três grupos de marcadores da interação e classificam *¿ves?* como MD apelativo e interrogativo simultaneamente. Os marcadores *mira [tu]/ mire [usted]* e *mirá [vos]* são orientadores da atenção do ouvinte sobre um aspecto do texto e, por fim, *imagine, figúrate* são marcadores derivados de verbos de imaginação, que podem ser parafraseados por *o sea*, entre outros.

No primeiro grupo, *¿ves?* serve para verificar a compreensão do ouvinte acerca do argumento proferido pelo falante. Nesse contexto, conforme as autoras, o falante expõe um tópico polêmico e necessita reforçar sua tese com a introdução

do marcador seguido de um contexto de explicação, exemplo, exposição, causa ou conseqüência. No segundo grupo, no qual se inclui *mira*, os marcadores chamam a atenção do ouvinte sobre um aspecto do texto, normalmente presente após o marcador, pois se trata do ponto central do texto que o falante deseja ressaltar.

Por fim, em italiano, Waltereit (2002) examinou o desenvolvimento de *guarda* na fala e identificou seis contextos favorecedores desse MD nas três posições da UD.

Primeiramente, *guarda* emerge naqueles contextos em que o falante revela certa dúvida quanto à declaração do ouvinte. Waltereit (2002) chama a atenção também para o fato de o MD estar associado a um significado adversativo e ocorrer em posição inicial do turno, conforme se evidencia em (9):

(9) Turn-initial DM after transition-relevance
place (LIP, MB9)

B: ah hai visto ali poveretto e` morto cosi`
l'avevano ammazzato

A: tu dici?

B: ma secondo me si'

A: madonna

B: <?> l'hanno ammazzato era ricchissimo
qualcuno l'avra`
fatto fuori

A: *guarda* che soffriva di cuore _ eh?

Outro contexto em que *guarda* ocorre em início de turno evidencia que falante pretende tomar o turno, interrompendo os demais envolvidos a fim de chamar-lhes a atenção para sua

idéia. Para o autor, a emergência do MD *guarda* se deu primeiramente nesse contexto e, posteriormente, se espalhou para outros. A interrupção trata-se de uma prática conversacional. Além desse uso, *guarda* é freqüente nos contextos em que introduz discurso reportado.

Na posição medial, o falante emprega *guarda* para introduzir um novo tópico. Na posição final, *guarda* revela que o falante encontra-se numa situação embaraçosa e deseja sair o mais rapidamente dela. Por fim, há contextos em que *guarda* ocorre sozinho no enunciado veiculando certa surpresa por parte do falante.

3 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OS PERCURSOS SEMÂNTICO-PRAGMÁTICOS DOS MDS

Verificou-se, na seção anterior, que os verbos de percepção visual não só quando da atuação como verbo pleno, mas também quando no uso como MD geraram um sentido cognitivo, isto é, naqueles contextos em que o falante convida o ouvinte a prestar atenção em elementos do seu próprio texto.

A fim de sintetizar os contextos de uso dos MDs verificados nas quatro línguas românicas e reorganizar o quadro 1, adaptado de Rost (2002), tem-se a seguinte configuração:

Quadro 2: Multifuncionalidade dos MDs derivados de verbo de percepção visual em quatro línguas românicas

<i>Propriedade de chamada da atenção do ouvinte</i>	
Macrofunção articuladora predominantemente	Macrofunção articuladora predominantemente textual

interacional	
Contextos de atuação discursiva	Contexto de atuação discursiva
De advertência (ROST)	Retórica (SCHIFFRIN; URBANO; ROST)
Interjetiva (ROST; WALTEREIT)	Exemplificativa (ROST; DOSTIE; DOMINGUEZ e ALVAREZ)
Atenuadora (CASTILHO; SILVA e MACEDO; WALTEREIT; PONS BORDERÍA; ROST)	Causal (ROST; DOMINGUEZ e ALVAREZ)
De planejamento Verbal (RISSO; PONS BORDERÍA; ROST)	Concessiva (ROST; DOMINGUEZ e ALVAREZ)
Prefaciadora (SCHIFFRIN; RISSO; ROST; DOSTIE)	

Além desses contextos, Waltereit (2002) identificou a atuação do MD introduzindo discurso reportado. Discurso reportado é a construção lingüística que introduz a voz de outro alguém, considerando um tempo diferente do de fala. Pode perpassar seqüências discursivas narrativas e argumentativas e ser introduzida por verbos *dicendi* ou verbos de enunciação.

Porém, a reprodução de uma fala dentro de outra com o uso de MDs sugere alguns questionamentos, conforme Urbano (1999, p. 233):

- a) o marcador pertence realmente ao texto da fala reproduzida, isto é, o falante personagem, cuja fala se reproduz, teria realmente iniciado sua fala com um MD?
- b) o marcador é um mecanismo geral para introduzir reprodução de fala?

c) em caso positivo, há marcador(es) específico(s) para essa função como regularidade da linguagem conversacional?

d) o marcador usado nessas aberturas pertence ao estilo do falante corrente narrador ou é típico do falante citado?

Conforme Urbano (1999, p. 234), esses questionamentos abrem várias hipóteses e “só uma investigação de ocorrências em número representativo poderá responder”. Também Zilles e Faraco (2002, p. 15-16) apontam que “não se pode desconsiderar que, na composição do dizer dos informantes, pode estar explicitamente presente a voz de outros” e isso “pode motivar o uso diferenciado das variantes”.

Por fim, Dostie e Pons Bordería identificaram o emprego dos MDs em contextos que o falante chama a atenção do ouvinte para uma informação antecedente (uso anafórico) ou posterior (uso catafórico) apresentada no seu texto. Acreditamos que esses usos, em português, de certa forma, estejam perpassando os contextos mais específicos apontados por Rost (2002).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, objetivou-se explicitar similaridades e diferenças entre os contextos de atuação dos MDs em quatro línguas românicas.

Evidenciou-se, inicialmente, como núcleo piloto definidor dos MDs investigados, um desbotamento do conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo.

Dentre os aspectos semântico-pragmáticos, destaca-se que, em três línguas – francês, espanhol e português – os MDs provêm do verbo latino *videre*. Nesta língua, já se evidenciava

um significado mais abstrato para este verbo, mantido também na passagem para as línguas românicas. As demais formas dos MDs também desenvolveram, a depender do contexto, esse significado cognitivo de *observar com a mente, prestar a atenção*, que, conforme Dostie (2004), teriam derivado o uso como MD.

Por fim, as quatro línguas românicas mantêm o significado literal do imperativo dos verbos de percepção. No entanto, no percurso de mudança, de verbo a MD, elementos designativos de espaço [+concreto] passam a ser usados como organizadores do universo discursivo [-concreto]. Observou-se, no levantamento de trabalhos que pesquisaram as quatro línguas românicas, que há um *continuum* de pequenas mudanças semântico-pragmáticas que podem derivar duas macrofunções: uma basicamente interacional e outra basicamente textual. A primeira com maior ênfase nas atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo tendo em vista o ouvinte, enquanto que a segunda mais voltada para a seqüenciação do texto, assinalando relações de caráter coesivo.

Não se pretendeu, neste artigo, apresentar uma classificação definitiva dos MDs. Muito pelo contrário, espera-se, a partir dessa exposição, reexaminar as formas e os contextos de atuação dos MDs e aprimorar as nomenclaturas funcionais e as definições. Como atesta Urbano (1999, p. 226), “só em estudos exaustivos de cada marcador ou conjunto de marcadores poderão ser identificadas conclusivamente funções mais específicas e precisas deles, dentro do contexto real de suas ocorrências”. Essa afirmação estampa a necessidade de estabelecimento de traços básicos identificadores do estatuto dos MDs, capazes de conduzir a uma definição mais precisa e

operacionalmente viável de sua natureza (RISSO; SILVA; URBANO, 1996, p. 22).

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: _____. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p. 249-279.

DOMÍNGUEZ, Carmen Luisa; ÁLVAREZ, Alexandra.

Marcadores en interacción: un

estudio de marcadores en el español hablado en Mérida

(Venezuela). *Revista Virtual*

de Estudos da Linguagem, v. 3, n. 4, março de 2005. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/4/artigos/revel_4_marcadores_en_interaccion.pdf>. Acesso em: 15 set. 2008.

DOSTIE, G. *Pragmaticalisation et marqueurs discursifs: analyse sémantique et*

traitement lexicographique. Bruxelles: De Boeck-Duculot, 2004.

FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v.31, 1999, p.931-952.

GÖRSKI, Edair M.; ROST, Cláudia A.; DAL MAGO, Diane.

Aspectos Pragmáticos da

mudança via gramaticalização. In: CRHISTIANO, M. E. A.;

SILVA, C. R.; DA HORA,

D. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

GUERRA, Alessandra R. 2007. 233f. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. Dissertação (Mestrado em Estudos

Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP: UNESP, 2007.

HEINE, Bernd; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in african languages*.

Hamburg: Helmut Buske, 1984.

_____.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar – evidences

from African languages. In: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to*

grammaticalization. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, v. 2, 1991.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUOGOTT, E.; HEINE, B.

Approaches to grammaticalization. Amsterdam/Philadelphia, 1991.

JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.;

KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 27-38, Vol. 1, Introdução.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 281-318.

PONS BORDERÍA, Salvador. *Conexión y conectores*. Estudio de su relación en el registro informal de la lengua. Valencia: Universitat de València, 1998a.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.).

- Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. v. IV, p. 21-61.
- RISSO, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. v. VII, p. 256-296.
- ROST, Cláudia A. *Olha e veja: multifuncionalidade e variação*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- SCHERRE, Maria Marta P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.
- SILVA, G.; MACEDO, A. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. (Orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-50.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCHUSP, 1993. p.81-101.
- _____. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999. v. VII, p. 195-258 .
- VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. *Grammaticalisation et post grammaticalisation langues et linguistique*. Quebec: Universite Laval, 1993.
- WALTEREIT, Richard. Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian guarda. *Linguistics*, 40-5, 2002. p. 987-1010.